pombalina
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Introdução	
Autor(es):	Relvas, Ana Paula
Publicado por:	Imprensa da Universidade de Coimbra
URL persistente:	URI:http://hdl.handle.net/10316.2/35897
Accessed :	19-May-2017 18:06:21

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

pombalina.uc.pt
digitalis.uc.pt

AVALIAÇÃO FAMILIAR

Funcionamento e Intervenção
Vol. I

ANA PAULA RELVAS
SOFIA MAJOR
(COORDENAÇÃO)

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

INTRODUÇÃO

Ana Paula Relvas

Estudar a família, nomeadamente do ponto de vista da Psicologia e numa perspetiva ecossistémica, implica um confronto com a complexidade (Bateson, 1987; Morin, 1992). Há, assim, que aceitar o desafio epistemológico e metodológico de que tal complexidade não poderá ser abarcada… mas ela não poderá, também, ser rejeitada ou escamoteada. Este sempre foi um dos grandes desafios para os investigadores na temática.

Comecemos pelo início: como entender a família neste contexto? Resposta: como um sistema! Esta aparente simplificação conceptual arrasta-nos para a complexidade de que falava. Com efeito, pensar as famílias como sistema implica: a) considerar a interdependência do comportamento de cada um dos seus elementos; b) compreender a parte e o todo; c) saber que a análise de uma família não é a soma da análise dos seus membros individuais; e, finalmente, d) perceber que o todo familiar é também ele parte de outros sistemas mais alargados (e.g., sistema sociocultural, sistema económico, entre outros). E, ainda, não esquecer a perspetiva desenvolvimental, co-evolutiva, associada à noção de sistema: ao longo do seu tempo de vida a família desenvolve-se, cresce ou se preferirmos complexifica-se, através de processos dinâmicos, recursivos e adaptativos, internos e externos.

Assim, estudar as famílias nesta concepção requer, primeiro, uma postura que Bateson (1987) designou de humildade sistémica e, depois, uma atitude de contextualização e reconhecimento da causalidade recursiva

(Boing, Crepaldi, & Moré, 2008). Do meu ponto de vista, estes objetivos só poderão ser favorecidos através da combinação de diferentes estratégias metodológicas (qualitativas, quantitativas e mistas) e de avaliação, como a utilização de questionários de auto-resposta, metodologias observacionais, análise narrativa, genograma, ecomapa, mapa de rede, entre vários outros.

Por outro lado, a família, enquanto objeto de estudo, compreensão e obviamente de investigação, para além de múltiplas abordagens em termos metodológicos, não pode prescindir de um olhar multi e/ou inter-disciplinar, de integração ou articulação de diferentes visões disciplinares (psicológica, sociológica, económica, jurídica, política, entre outras).

Neste jogo, em que a complexidade se pode equacionar fundamentalmente a dois níveis, um mais intrínseco à conceptualização e definição do próprio objeto de estudo e outro mais relacionado com a necessidade da sua análise multidisciplinar, como entender o respeito pelos quatro princípios de compreensão sistémica da família atrás enunciados e a validade e abrangência de uma obra, como a que agora se apresenta, centrada na adaptação de instrumentos de avaliação em si mesmos, muitas vezes, lineares e parcelares?

Da história de um percurso....

Talvez a história do caminho percorrido na construção desta obra (chamo-lhe assim, pois o presente livro é o primeiro de dois volumes que nesta introdução quero apresentar no seu todo) ajude a elencar algumas das respostas possíveis para a questão anterior.

1ª etapa

Na minha narrativa, a história inicia-se em 2006, com a implementação do processo de Bolonha na Universidade e Faculdade de que fazemos parte (Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação) na sua face mais visível – alteração dos planos de estudos

e criação do Mestrado Integrado em Psicologia –, momento em que o grupo de docentes e investigadores da área de Psicologia Clínica e da Saúde, especialização em Sistémica, Saúde e Família, sentiu necessidade de desenvolver um projeto de investigação que, por um lado, lhe fosse específico e, por outro, pudesse organizar a investigação a desenvolver pelos respetivos mestrandos. Atendendo à curta duração do tempo de investigação, um ano letivo, esse projeto deveria permitir continuidade e progressividade ao longo dos anos. Finalmente, mas não menos importante, teria que proporcionar o desenvolvimento científico e rigoroso do conhecimento na temática. Considerando que na área da avaliação psicológica em Portugal a família era um objeto deficitário, emergiu o objetivo de adaptar um conjunto de questionários de auto-resposta, designadamente relacionados com o *stress*, *coping* e qualidade de vida familiares, enquanto constructos transversais ao estudo e investigação sobre a família em diversos contextos e situações de maior ou menor bem-estar relacional e psicossocial. Para operacionalizar este objetivo, recorremos ao trabalho de alguns estudiosos da família norte-americanos que desenvolveram modelos de funcionamento familiar (Modelo Circumplexo; Olson, 2000) e do *stress* familiar (Modelo ABCX; McCubbin & Patterson, 1983) amplamente aceites na comunidade científica internacional dedicada ao estudo da família. Os autores originais completaram os seus modelos, no sentido de fomentar a sua validação, com o desenvolvimento de instrumentos de avaliação, também eles largamente utilizados em estudos empíricos sobre a família (Barnes & Olson, 1985). Tinham ainda a vantagem de já terem sido traduzidos e utilizados em Portugal, mas sem os devidos estudos de adaptação, enquanto tal. E assim, a nossa equipa de investigação deu início a esses estudos.

2ª etapa

Entretanto, com a chegada de novos colaboradores (doutorandos e docentes) a equipa de investigação foi-se alargando e outros projetos de investigação surgiram. Não abandonando a lógica da continuidade e acrescentando a da articulação, esses novos projetos foram desenhados

e implementados de modo a enquadrar os instrumentos/variáveis já desenvolvidos para a população portuguesa, mas atendendo de forma particular aos temas concretos e às populações em estudo (por exemplo, determinadas condições de doença ou diferentes formas de família) (Lagarelhos, 2012). Deste modo, outros instrumentos de avaliação familiar foram sendo desenvolvidos e adaptados a fim de estudar, por exemplo, o funcionamento e comunicação familiares (Portugal & Alberto, in press), o processo e aliança terapêutica com clientes (famílias) involuntários (Sotero & Relvas, 2012), a resposta familiar à doença pediátrica e do adulto, a percepção do indivíduo na relação com outro(s) significativo(s). A integração da equipa na rede de investigação da Associação Europeia de Terapia Familiar (*European Family Therapy Association, EFTA Research Group*) (European Family Therapy Association, 2009) e o protocolo estabelecido com uma universidade angolana (Instituto Superior Politécnico Tundavala do Lubango), que implicava a existência de material em português para conduzir investigação sobre a família em contexto angolano, fizeram acelerar este processo.

Complementarmente íamos recebendo, em quantidade assinalável, pedidos de orientação e autorização para utilização de escalas de avaliação familiar provenientes de investigadores que, tendo como objeto de estudo a família, a perspetivavam de pontos de vista diversos em termos disciplinares, nomeadamente nas áreas de enfermagem, educação, gerontologia, para além de, como seria de esperar, da Psicologia em especialidades diferentes da Psicologia da família, como, por exemplo, Psicologia do desenvolvimento ou psicopatologia.

3ª etapa

Faz agora sensivelmente um ano que, numa manhã outonal, aquando de uma reunião da equipa, nos propusemos repensar as nossas atividades e de algum modo fazer o seu balanço e projetar o futuro. Decidimos, então, atribuir ao nosso grupo de trabalho uma (sub)designação que, no seio do Grupo de Investigação em Família, Saúde e Justiça da Faculdade

de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, delimitasse estas atividades de investigação em concreto. Assim nasceu o GAIF[1] (Grupo de Avaliação e Investigação sobre a Família), estrutura informal, quase virtual, embora talvez demasiado ambiciosa e que nos unia em torno de um objetivo, quando que se propunha, como primeira meta, organizar-se para divulgar à comunidade científica nacional em geral todo o conjunto de materiais de avaliação que rigorosamente vínhamos desenvolvendo há anos. Ou seja, emergiu a ideia da publicação de uma obra sobre *Instrumentos de Avaliação Familiar*, que pudesse ser complementada com uma página *web* de disponibilização de materiais.

... À construção desta obra

Aqui cabe um reconhecimento à equipa liderada pelo Doutor Mário Simões pelo excelente trabalho feito no contexto nacional relativo à difusão de provas psicológicas validadas para a população portuguesa, cujas obras nos serviram de inspiração e, porque não dizê-lo, de modelo de conceptualização e rigor (Simões, Machado, Gonçalves, & Almeida, 2007).

Conceptualização

Havia então que rever, reorganizar e estruturar todo o nosso trabalho prévio de acordo com uma lógica organizacional consistente com a perspetiva sistémica, bem como com uma estratégia e regras de difusão ajustadas ao objetivo definido. Isto é, havia que definir a estrutura da obra. Conceptualmente, parecia fazer sentido dividi-la em duas partes distintas: uma primeira que se reportasse aos processos relacionais e dinâmicas psicológicas transversais às famílias, quer no seu quotidiano

[1] Do GAIF, neste momento, fazem parte Ana Paula Relvas, Luciana Sotero, Madalena Carvalho e Sofia Major (docentes); Alda Portugal (pós-doutoranda); Ana Margarida Vilaça, Diana Cunha, Neide Areia (doutorandas), todas pertencentes à FPCE-UC.

quer quando se encontram em terapia; uma segunda, dirigida aos processos específicos que se desenrolam quando as famílias se encontram em situação de vulnerabilidade acrescida, tanto em termos da avaliação das suas dificuldades como dos seus movimentos adaptativos. A partir de uma reflexão sobre a origem e o conteúdo dos pedidos de utilização de instrumentos que nos chegaram, pareceu-nos poder concluir que, com alguma probabilidade, existiriam utilizadores diferenciados para cada uma das partes em que previamente classificáramos os instrumentos a publicar. Foi neste pressuposto que entendemos dividir a obra em dois volumes: *Instrumentos de Avaliação Familiar, Vol. I – Funcionamento e Intervenção* e *Vol. II – Vulnerabilidade, Stress e Adaptação.*

O primeiro volume debruça-se sobre instrumentos que, numa ótica sistémica, avaliam o funcionamento e a comunicação familiar (o "cimento" do sistema familiar), a auto-percepção do indivíduo sobre o seu posicionamento no sistema (o "grão de areia" do sistema familiar) e, finalmente, instrumentos que pretendem medir o que faz "funcionar" famílias e terapeutas em terapia (como se ligam os dois sistemas e com que efeitos de mudança); o segundo volume contém instrumentos que permitem avaliar o *stress* bem como a resiliência e processos adaptativos familiares, quer em situações de crise normativas quer inesperadas. Algumas medidas das respostas particulares do sistema familiar em situações específicas de doença, tanto pediátrica como do adulto, finalizam os conteúdos deste volume.

Estrutura

Quanto ao tipo de obra que iríamos construir e atendendo ao objetivo de difusão para um público diferenciado disciplinarmente, os dois volumes serão organizados por secções e capítulos. Todos os capítulos seguem uma estrutura comum, definida de modo a dar resposta, na ótica do utilizador, a três aspetos básicos: enquadramento teórico e conceptual, relevância e aplicabilidade do instrumento e facilidade de consulta do texto. Os dois primeiros aspetos pretendem assegurar

a reflexão conceptual sobre a utilização do instrumento, no sentido em que este deverá, sempre, ser considerado um meio complementar para atingir um conhecimento (Simões et al., 2007), decorrente e enquadrado num processo de conceptualização mais abrangente, através do qual se definiram objetivos de pesquisa, teórica e empiricamente fundamentados.

Assim, cada capítulo aborda as seguintes rubricas:

1. Instrumento
O que é, o que avalia e a quem se aplica?
(Ficha técnica de apresentação do instrumento)

Fundamentação e história
(Enquadramento teórico sobre o constructo objeto de avaliação, articulado com o desenvolvimento original – construção e aplicação - do instrumento)

2. Estudos em Portugal
Como foi desenvolvido/adaptado e validado?
(Estudos de adaptação, validade e precisão realizados em Portugal)

3. Aplicação
Como aplicar, cotar e interpretar?
(Informação sobre os materiais; explicação e descrição das condições, normas e critérios a seguir no processo de avaliação)

4. Vantagens, limitações e estudos futuros
(Análise crítica do instrumento, estudos e resultados obtidos)

5. Bibliografia
(Conjunto de referências fundamentais)

Finalmente, queremos sublinhar que optámos por não descrever, capítulo a capítulo, os procedimentos éticos óbvia e necessariamente utilizados

nas investigações conducentes à adaptação dos instrumentos (consonantes com as recomendações da *American Psychological Association*, nomeadamente no que se refere ao consentimento informado para todos os participantes, adultos e menores), a fim de evitar a redundância da informação ao longo do livro.

Volume I – Funcionamento e Intervenção [familiar]

Organização e conteúdos

Este volume está dividido em três secções que agregam sete capítulos. Os autores são os membros do GAIF e outros colaboradores que participaram nos estudos, tanto em termos de recolha como de análise de dados. Todos os instrumentos apresentados são adaptações portuguesas, com exceção de um que foi completamente desenvolvido no nosso país. Genericamente são provas vocacionadas para aplicação em investigação; as condições específicas em que alguns podem ser, também, utilizados em clínica ou na formação de terapeutas são explicitamente referidas nos textos, restringindo-se essa utilização, evidentemente, a profissionais capacitados para o efeito.

A primeira secção, *Funcionamento e Comunicação Familiar*, é composta por dois textos: o primeiro, da autoria de Margarida Vilaça, José Tomás da Silva e Ana Paula Relvas enquadra teoricamente e estuda o *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE-15) que avalia várias dimensões do funcionamento familiar sensíveis à mudança terapêutica, nomeadamente Recursos Familiares, Comunicação na Família e Dificuldades Familiares (capítulo 1); o segundo, de Alda Portugal e Isabel Alberto, centra-se na comunicação pais-filhos (pais, crianças e adolescentes avaliados separadamente), através da apresentação da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA) construída e desenvolvida pelas autoras (capítulo 2).

A segunda secção, *Diferenciação e Congruência*, inclui mais dois textos: um sobre diferenciação do *self* e transgeracionalidade em adultos e

avaliação das suas relações atuais com a família de origem por meio do Inventário de Diferenciação do *Self* - Revisto (DSI-R), da autoria de Sofia Major, Martiño Rodríguez-González, Cátia Miranda, Míriam Rousselot e Ana Paula Relvas (capítulo 3); o seguinte reflete sobre o conceito de congruência na relação consigo próprio, com o outro e com a vida em adultos, operacionalizado e medido em duas dimensões (Universal/Espiritual e Intra/Interpessoal) pela Escala de Congruência (EC), aqui apresentada por Diana Cunha, José Tomás da Silva e Ana Paula Relvas (capítulo 4).

Na terceira secção, sobre a *Intervenção Familiar*, Luciana Sotero e Ana Paula Relvas centram-se nas especificidades do estabelecimento e características da aliança terapêutica (por parte de clientes e terapeutas) em terapia familiar/terapias conjuntas e na sua medida observacional - Sistema de Observação da Aliança em Terapia Familiar – versão observacional (SOFTA-o) – considerando quatro dimensões da aliança, Envolvimento no Processo Terapêutico, Conexão Emocional com o Terapeuta, Segurança dentro do Sistema Terapêutico e Sentimento de Partilha de Objetivos na Família (capítulo 5); sobre a mesma temática, o texto de Margarida Vilaça, Luciana Sotero, José Tomás da Silva e Ana Paula Relvas aborda a avaliação da aliança (também em terapeutas e famílias) através de um questionário - Sistema de Observação da Aliança em Terapia Familiar – versão auto-resposta (SOFTA-s). Este questionário permite medir dois aspetos da aliança nos clientes (Dificuldades e Forças) e a aliança global no que respeita aos terapeutas (capítulo 6); a concluir esta secção e o livro, Luciana Sotero e Ana Paula Relvas explanam as potencialidades, para a investigação e para a prática clínica, de um instrumento de avaliação dos resultados da intervenção através da identificação de metas de mudança – Escala de Objetivos Atingidos (GAS) (capítulo 7).

... E a uma reflexão final

A concluir, voltemos à questão que formulámos inicialmente, agora refletindo especificamente sobre este volume: considerando dois níveis de complexidade, um inerente ao próprio conceito de família numa

perspetiva sistémica e outro à multidisciplinaridade do seu estudo, como entender uma obra centrada em instrumentos de avaliação em si mesmos, lineares e parcelares?

A estrutura desenhada para este livro procura respeitar o primeiro nível, (1) ao seguir uma lógica conceptual associada aos movimentos relacionais da família, considerando o todo (foco grupal) e a parte (foco individual); e (2) ao apresentar uma seleção dos instrumentos que, quer sejam de auto-resposta ou observacionais, procuram sempre capturar, mesmo que com as limitações conhecidas e assinaladas nos textos, aspetos relacionais e interacionais do sistema familiar e terapêutico; finalmente, ao disponibilizar vários instrumentos de avaliação faculta-se o estudo de variáveis familiares lineares, cujos dados poderão depois ser articulados e cruzados, permitindo assim avançar um pouco mais na apreensão da realidade múltipla que é a família, recorrendo, nomeadamente, a poderosos procedimentos estatísticos de tratamento de dados que hoje estão ao nosso dispor (e.g., equações estruturais/análise multinível e *Actor-Partner Interdependence Model*).

Quanto ao segundo, consideração da abordagem multidisciplinar da família, a estrutura (constante) por capítulo foi ponderada no sentido de permitir uma visão completa e fundamentada do instrumento, de modo a que possa ser utilizado, rigorosa e fundadamente, por investigadores da família provenientes de diversas áreas disciplinares que assim as poderão cruzar com os seus próprios instrumentos.

Como última nota reflexiva queremos, ainda, sublinhar e especificar algo que se antevê na estrutura dos capítulos, concretamente no ponto 4, ou seja a referência às limitações e estudos futuros relativamente a cada um dos instrumentos apresentados. Com efeito, o investigador nunca se pode dar por satisfeito com os resultados de uma investigação: é a reflexão, análise a aceitação dos seus limites que permite equacionar o alargamento da investigação e, neste caso concreto, facilitar o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos instrumentos de avaliação aqui apresentados. Por outro lado, a sua utilização por outros investigadores, em diferentes populações e contextos, enquadra-se neste processo recursivo de contínuo enriquecimento científico, por exemplo através de novos estudos de evidência de

validade e/ou precisão. Assim, as limitações destes estudos são também as suas potencialidades, quando facilitam a evolução do conhecimento nesta área específica do saber psicológico.

Fica a expetativa de que, através da disponibilização deste conjunto de ferramentas a utilizar na avaliação familiar, novos estudos sejam desenvolvidos no sentido de ultrapassar algumas das limitações apresentadas ao longo dos sete capítulos (e.g., dimensões reduzidas das amostras, necessidade de mais estudos de evidência de validade). Resta desejar que este livro, que se pretende um "quase manual" construído na ótica do utilizador, possa ser útil para quem o consulta e, fundamentalmente, para o desenvolvimento rigoroso do conhecimento na área dos estudos sobre a Família.

Referências

Barnes, L. H., & Olson, D. H. (1985). Parent-adolescent communication and the circumplex model. *Child Development, 56,* 438-447. doi:10.1111/1467-8624.ep7251647

Bateson, G. (1987). *Natureza e espírito*. Lisboa: Dom Quixote. Edição original, 1979.

Boing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. (2008). Pesquisa com famílias: Aspetos teóricos--metodológico. *Paidéia*, *18*(40), 251-266.

European Family Therapy Association. (2009). *EFTA Research proposed structure*. Documento não publicado.

Lagarelhos, J. P. (2012). *Stress, coping e qualidade de vida familiar: As evidências de 26 investigações realizadas entre 2007-2010*. (Dissertação de mestrado integrado, não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.

McCubbin, H. I., & Patterson, J. M. (1983). Family stress and adaptation to crises: A double ABCX model of family behavior. In D. H. Olson & R. C. Miller (Eds.), *Family studies review yearbook: Vol. 1* (pp. 87-106). Beverly Hills, CA: Sage.

Morin, E. (1992). *Introduction à la pensée complexe* (4ème ed.). Paris: ESF. Edição original, 1990.

Olson, D. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, *22*(2), 144-167.

Portugal, A., & Alberto, I. (in press). Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances en Psicologia Latinoamericana*.

Simões, M. R., Machado, C., Gonçalves, M., & Almeida, L. S. (2007). *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa*. (1ª ed.), Vol. 1. Coimbra: Quarteto.

Sotero, L., & Relvas, A. P. (2012). A intervenção com clientes involuntários: Complexidade e dilemas. *Psicologia & Sociedade*, 24, 187-196. doi: 10.1590/S0102-71822012000100021